

# José Roberto Santos Neves

## Paulo Branco, herói do “velho mundo”

*José Roberto Santos Neves*

neves-jose@uol.com.br

Nem todos tiveram a sorte de sobreviver aos anos 60 e 70 no Brasil para contar sua história. Paulo Branco é um desses caras. Um dos pioneiros do rock'n'roll em Vitória, profundo conhecedor dos Beatles e cinéfilo compulsivo, o compositor foi um dos que mais sofreram com a truculência da ditadura militar, naquele período sombrio em que fazer música por essas bandas era considerado ato de subversão.

Assim como muitos colegas da época, ele teve de equilibrar-se entre a carreira profissional e a música, e seu nome ficou associado à geração que viveu o sonho de Woodstock. Por essa razão, quem tem menos de 40 anos dificilmente terá ideia da sua importância para a cena musical desta Ilha. Não sabem o que estão perdendo.

Pois o ano de 2010 chega ao fim oferecendo uma (rara) oportunidade de se ter acesso à produção de Paulo Branco, por meio do seu terceiro CD, "Dias Estranhos", sucessor de "Pessoas" (2001) e "Sangue e Blues na Via Urbana" (1994). O mundo mudou muito nos nove anos que separam este disco do seu álbum anterior, mas este roqueiro quase sexagenário manteve sua proposta de rock filosófico, para "pensar", em contraponto à overdose de futilidade e imediatismo que sufoca as expressões artísticas verdadeiras, duráveis, atemporais.

Não por acaso, logo na primeira faixa, que dá nome ao álbum, o compositor dispara seu desconforto diante da indústria do entretenimento atual, em ritmo de rock'n'roll cinquentista: "Aqueles mesmos idiotas adulteram o sentido do rock'n'roll/ Com harmonias terríveis, melodias sofríveis, vozes fora do tom/ São dias muito estranhos, tempo de falsários/ Sem ética nem ótica de visionários/ Que planejam um novo golpe no mercado musical amador". Quantos teriam a coragem de apontar essas feridas?

Quem gosta de rock dos anos 60 e 70 vai encontrar ecos de Beatles, Hendrix, Dylan, Neil Young e Ray Charles nos arranjos, e nas letras poéticas e pessimistas de Paulo Branco, quase sempre críticas contundentes ao "novo mundo".

Com sua voz rouca, à la Joe Cocker, ele se cerca de instrumentistas talentosos nas 11 faixas do CD, como Saulo Simonassi (guitarra), Roger Bezerra (piano), Fausto Lessa (baixo acústico) e Gabriel Ruy (bateria). Um elenco que garante à obra execuções elegantes, classudas, principalmente nos blues e rhythm and blues repletos de dinâmica, com a emoção sempre à frente da técnica, a técnica a serviço da canção.

Trilha sonora dos criadores atormentados, o gênero originário do Mississippi acolhe

# José Roberto Santos Neves

os pontos altos do CD. São as faixas "Rua do Nada", com guitarra de Wilson Sideral, fraseado de metais e coral beatle; e "O Impossível da Felicidade", música de Mário Ruy e letra de Sérgio Régis, com guitarra envenenada pontuando a melodia. Palmas também para "Casablanca", com letra de Luiz Trevisan inspirada no clássico do cinema.

No meio desse emaranhado de referências, surge "Don Marien", dedicada a Marien Calixte, por quem "entre os hai-kais e os fascínios do jazz se revelam as memórias dos jornais". A singela homenagem levou o intelectual às lágrimas. Mais um mérito deste corajoso e emotivo Paulo Branco, prova viva de que os heróis do "velho mundo" ainda estão soltos e dispostos a enfrentar os fantasmas da mediocridade.